

Liderança nas comunidades eclesiais (1Pd 4,10)

Leadership in the ecclesiastical communities (1Pet 4,10)

Liderazgo en las comunidades eclesiásticas (1Ped 4,10)

Waldecir Gonzaga¹
Jamil Alves de Souza²

Resumo

O presente estudo, a partir da compreensão de 1Pd 4,10, reflete sobre o significado e a finalidade da afirmação petrina: “bons administradores da multiforme graça de Deus”. Estes se tornam instrumentos da ação evangelizadora da Igreja, sendo que essa dimensão está intimamente entrelaçada com a pessoa e a missão que Cristo confiou à Igreja. Consequentemente, para que haja bons administradores no campo operacional, não se deve descuidar da formação de gestores. Que características são necessárias àqueles que, conhecedores da “multiforme graça de Deus”, se dispõem a servir a comunidade como “bons administradores”? Aqui, propõe-se destacar a característica da “liderança” como um dos grandes temas pastorais que, continuamente,

¹ Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália). Possui um Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil) e está realizando um segundo Pós-Doutorado junto ao PPGTeo PUC-RS (Porto Alegre, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

² Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral, PUC-Rio (Rio de Janeiro). E-mail: <prof.ja1000@gmail.com>, Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4412271607045285> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-8836-3760>

necessita ser aprofundado e ressignificado, importante tanto para a Igreja como para a sociedade em suas várias expressões: povos, nações, instituições, organizações etc. É certo que o progresso das sociedades está diretamente ligado ao perfil de seus líderes; da mesma forma, muitos dos males sociais e das várias formas de violência e opressão podem ser atribuídos à influência deles. Na comunidade eclesial, a liderança se manifesta em diferentes níveis, acompanhada por “multiformes” vocações, carismas e serviços. Por conseguinte, é crucial que todas as ações estejam alinhadas em um clima de unidade e cooperação, com o propósito comum de promover a “graça de Deus”, segundo o modelo da liderança de Cristo, sendo despertada e formada diante dos desafios da vida hodierna. Para tanto, este estudo oferece o texto grego e tradução própria, análise da temática e aplicação pastoral.

Palavras-chave: Administradores, Liderança, Multiforme graça, Igreja, Pastoral.

Abstract

The present study, based on the understanding of 1Pet 4,10, reflects on the meaning and purpose of the Petrine statement: “good administrators of the manifold grace of God”. These individuals become instruments of the Church’s evangelizing mission, a dimension that is closely intertwined with the person and mission that Christ entrusted to the Church. Consequently, for there to be good stewards in the operational field, the formation of leaders must not be neglected. What characteristics are necessary for those who, knowing God’s “manifold grace,” are willing to serve the community as “good stewards”? Here, we propose to highlight the characteristic of “leadership” as one of the great pastoral themes that continually needs to be deepened and redefined, important for both the Church and society in its various expressions: peoples, nations, institutions, organizations, etc. It is certain that the progress of societies is directly linked to the profile of their leaders; likewise, many social evils and various forms of violence and oppression can be attributed to their influence. In the ecclesial community, leadership manifests itself at different levels, accompanied by “manifold” vocations, charisms, and ministries. Therefore, it is crucial that all actions be aligned in a climate of unity and cooperation, with the common purpose of promoting the “grace of God”, according

to the model of Christ's leadership, which must be awakened and formed in light of the challenges of modern life. To this end, this study offers the Greek text and a personal translation, analysis of the theme, and pastoral application.

Keywords: Administrators, Leadership, Manifold grace, Church, Pastoral.

Resumen

El presente estudio, a partir de la comprensión de 1Pd 4,10, reflexiona sobre el significado y finalidad de la afirmación petrina: “buenos administradores de la multiforme gracia de Dios”. Estos se convierten en instrumentos de la acción evangelizadora de la Iglesia, siendo esta dimensión íntimamente entrelazada con la persona y la misión que Cristo confió a la Iglesia. En consecuencia, para que haya buenos administradores en el campo operativo, no se debe descuidar la formación de gestores. ¿Qué características son necesarias para aquellos que, conociendo la “multiforme gracia de Dios”, se disponen a servir a la comunidad como “buenos administradores”? Aquí se propone destacar la característica de “liderazgo” como uno de los grandes temas pastorales que continuamente necesita ser profundizado y resignificado, importante tanto para la Iglesia como para la sociedad en sus varias expresiones: pueblos, naciones, instituciones, organizaciones etc. Es cierto que el progreso de las sociedades está directamente vinculado al perfil de sus líderes; de la misma manera, muchos de los males sociales y de las diversas formas de violencia y opresión pueden ser atribuidos a su influencia. En la comunidad eclesial, el liderazgo se manifiesta en diferentes niveles, acompañado por “multiformes” vocaciones, carismas y servicios. Por consiguiente, es crucial que todas las acciones estén alineadas en un clima de unidad y cooperación, con el propósito común de promover la “gracia de Dios”, según el modelo del liderazgo de Cristo, que debe ser despertado y formado ante los desafíos de la vida actual. Para ello, este estudio ofrece el texto griego y su propia traducción, análisis del tema y aplicación pastoral.

Palabras claves: Administradores, Liderazgo, Multiforme gracia, Iglesia, Pastoral.

Introdução

A liderança eclesial sempre desempenhou um papel crucial na missão da Igreja, especialmente no que tange ao cuidado e à administração das graças que Deus concede à humanidade. O texto de 1Pd 4,10, uma das sete cartas católicas do Novo Testamento³, ressalta a responsabilidade dos cristãos como “bons administradores da multiforme graça de Deus”. Esta passagem nos convida a refletir não apenas sobre a missão individual de cada fiel, mas também sobre o papel daqueles que lideram comunidades eclesiais. As lideranças são chamadas a guiar o povo de Deus, oferecendo direção, inspiração e cuidado pastoral, à semelhança do próprio Cristo.

A temática da liderança cristã tem adquirido uma relevância crescente, tanto no contexto eclesial quanto no ambiente social mais amplo. Em tempos de mudanças rápidas e profundas nas estruturas sociais, políticas e culturais, a Igreja se vê desafiada a responder de maneira eficaz e proativa aos problemas que afetam suas comunidades. Segundo a teologia pastoral, o papel de líderes bem formados, conscientes de suas responsabilidades espirituais e sociais, torna-se vital. Como afirma 1Pd 4,10, administrar a “multiforme graça de Deus” implica lidar com as diversas formas de serviço, carismas e vocações que permeiam a vida da Igreja. Para tanto, é necessário um perfil de liderança que esteja em sintonia com as exigências do Evangelho e, ao mesmo

³ GONZAGA, W., *As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento*, p. 421-444; GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 408-409.

tempo, seja capaz de atuar de forma relevante nos desafios da vida contemporânea.

O presente estudo visa explorar o conceito de “bons administradores”, conforme delineado em 1Pd 4,10, e relacioná-lo ao tema da liderança eclesial. Busca-se identificar as características necessárias a esses líderes, considerando tanto os aspectos teológicos quanto as práticas pastorais. A liderança, nesse contexto, é tratada não apenas como um atributo desejável, mas como uma dimensão essencial para a vida da Igreja e para o cumprimento de sua missão no mundo. Dessa forma, o conceito de líder na Igreja não se limita ao de um administrador de estruturas, mas identifica-se principalmente com o de um servidor da Palavra e guia espiritual.

Além disso, no presente estudo é discutida a formação dos líderes, destacando-se a importância de uma preparação que leve em conta os desafios específicos de nosso tempo. De acordo com o Diretório para a Catequese,⁴ por exemplo, a formação integral dos líderes pastorais deve incluir não apenas aspectos teológicos e doutrinários, mas também uma sensibilidade às realidades sociais e culturais da atualidade.

Portanto, este estudo propõe-se a analisar como a liderança cristã pode ser ressignificada e aprimorada, à luz da “multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10) e dos ensinamentos de Cristo, oferecendo, ao final, aplicações pastorais que possam ser implementadas na vida comunitária e eclesial, buscando contribuir para a reflexão sobre a liderança na Igreja, ao mesmo tempo em que propõe orientações práticas para aqueles que

⁴ DC 135.

ocupam posições de responsabilidade na condução das comunidades cristãs.

1. Texto grego, tradução e comentário de 1Pd 4,10

O texto de 1Pd 4,10, seja em sua língua original e de saída (o grego), seja língua de tradução e de chegada (neste caso, o português), revela uma beleza ímpar sobre a temática dos dons que cada um recebe em prol de toda a comunidade. Pedro convida os membros da comunidade ao serviço comum e recíproco, em favor de todos, para o bem comum, realçando que os dons recebidos não são propriedades pessoais, e muito menos para fins pessoais, mas dados por Deus a um membro da comunidade em vista do bem comum, como administradores e dispensadores dos dons de Deus.

Texto grego de 1Pd 4,10 (NA28)	Tradução portuguesa
ἕκαστος καθὼς ἔλαβεν χάρισμα εἰς ἑαυτοῦς αὐτὸ διακονοῦντες ὡς καλοὶ οἰκονόμοι ποικίλης χάριτος θεοῦ.	Cada um, conforme o carisma (dom) que recebeu, servi uns aos outros como bons administradores da multiforme graça de Deus.

Fonte: texto grego da NA28; tradução e tabela dos autores.

1.1. Análise exegética de 1Pd 4,10

O estudo de 1Pd 4,10 é fundamental para entender a missão de liderança e serviço que Cristo confia à Igreja. O v.10 afirma: “ἕκαστος καθὼς ἔλαβεν χάρισμα εἰς ἑαυτοῦς αὐτὸ διακονοῦντες ὡς καλοὶ

οἰκονόμοι ποικίλης χάριτος θεοῦ/*Cada um, conforme o carisma (dom) que recebeu, servi uns aos outros como bons administradores da multiforme graça de Deus*".

A palavra grega **οἰκονόμοι** traduzida como “administradores” tem a conotação de um mordomo ou gestor que cuida dos bens de outro. Nesse caso, o administrador não age por conta própria, mas é um servo responsável por distribuir os recursos que pertencem a Deus, a “ποικίλης χάριτος/*multiforme graça*”, que se refere à diversidade de dons concedidos por Deus a seu povo para a edificação da Igreja.

O termo **ποικίλης** (*multiforme* ou *diversa*) indica a multiplicidade de formas com que a graça de Deus se manifesta, lembrando-nos que os dons espirituais são diversos e têm o propósito de promover o bem comum (1Cor 12,4-7). Assim, “bons administradores” são aqueles que, cientes da responsabilidade que lhes foi confiada, dedicam-se ao serviço da comunidade, reconhecendo que todos os dons vêm de Deus e devem ser usados para edificação do corpo de Cristo.

Para aprofundar o entendimento, oferece-se uma análise lexicográfica⁵ do 1Pd 4,10, subdividindo o versículo em partes, no original grego, para captar suas nuances mais profundas⁶, ajudando tanto em uma melhor compreensão do texto quanto em sua vivência e aplicação pastoral.

a) “καθὼς ἔλαβεν χάρισμα/*cada um, conforme o carisma (dom) que recebeu*”.

⁵ BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W., Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, passim.

⁶ JOBES, K., 1 Peter, p. 324; ACHTEMEIER, P., 1 Peter, p. 36; 297-298.

- καθὼς (*kathōs*): “conforme” ou “de acordo com”. Este termo indica que o uso do dom deve estar em harmonia com o dom recebido, sugerindo uma responsabilidade proporcional àquilo que Deus confiou a cada indivíduo.
- ἔλαβεν (*élaben*): “recebeu”. O verbo está no aoristo, sugerindo que o recebimento do dom foi uma ação pontual, remetendo ao momento em que o cristão recebeu o Espírito Santo.
- χάρισμα (*chárisma*): “dom” ou “presente”. A palavra deriva de χάρις (*cháris*), que significa “graça”. Isso indica que o dom espiritual é um presente imerecido, uma manifestação da graça divina, conferido para o bem da comunidade, não para benefício pessoal.

b) “εἰς ἑαυτοὺς διακονοῦντες/*servindo uns aos outros*”.

- διακονοῦντες (*diakonountes*): “servindo”. O termo está relacionado ao serviço ministerial (de onde deriva “diácono”, *servidor*), sugerindo que os dons devem ser usados para servir aos outros, em um sentido prático e ativo. O serviço cristão aqui é essencialmente comunitário.
- εἰς ἑαυτοὺς (*eis heautoùs*): traduzido como “uns aos outros”. Pedro enfatiza o caráter recíproco do serviço: cada cristão deve contribuir para o bem-estar espiritual e material de seus irmãos, usando os dons para fortalecer a comunidade.

c) “ὡς καλοὶ οἰκονόμοι *como bons administradores*”.

- ὡς (*hōs*): “como”, introduz uma metáfora que explica como o serviço deve ser exercido.
 - καλοὶ (*kaloi*): “bons”, ou seja, qualificados, éticos, que cumprem bem seu papel. Isso implica um alto nível de responsabilidade e integridade no uso dos dons.
 - οἰκονόμοι (*oikonomoi*): “administradores” ou “mordomos”. O termo refere-se a alguém que cuida dos recursos de outra pessoa, o que ressalta que os dons não pertencem ao indivíduo, mas a Deus, e são confiados para serem administrados em benefício da comunidade.
- d) “ποικίλης χάριτος θεοῦ/*da multiforme graça de Deus*”.
- ποικίλης (*poikilēs*): “multiforme” ou “diversa”. Esta palavra implica que a graça de Deus se manifesta de maneiras variadas, sugerindo que os dons espirituais são diferentes para cada pessoa, mas complementares entre si.
 - χάριτος (*charitos*): “graça”. Aqui, “graça” é novamente ligada à ideia de presente imerecido de Deus, algo dado por pura benevolência divina.
 - θεοῦ (*Theou*): “de Deus”. A fonte de toda graça e todo dom é Deus. Isso reforça a soberania de Deus na distribuição dos dons.

Teologicamente, o texto de 1Pd 4,10 reforça a doutrina de que cada cristão recebe dons específicos pela graça de Deus, e que esses dons têm a função de edificar a comunidade e promover o bem comum. Isso está em consonância com outros textos neotestamentários, como 1Cor 12, em

que Paulo fala sobre a diversidade dos dons espirituais e a unidade do corpo de Cristo.

A aplicação prática de 1Pd 4,10 é clara: os cristãos devem identificar os dons que receberam de Deus e usá-los de forma responsável e humilde para o benefício da comunidade, em vista e em prol do bem comum, inclusive da casa comum e não apenas dos seres humanos. Isso envolve uma visão de serviço abnegado e a consciência de que os dons espirituais são parte da “multiforme graça” de Deus, que se manifesta de maneiras diversas e complementares em cada cristão.

Por fim, a análise de 1Pd 4,10 revela que o autor petrino está exortando a comunidade cristã a uma vida de serviço mútuo, usando os dons espirituais que receberam para promover a edificação do corpo de Cristo. A responsabilidade como “bons administradores” da “multiforme graça de Deus” é um chamado à fidelidade, ao serviço recíproco e à cooperação no Espírito, reconhecendo que cada dom, por mais diverso que seja, provém da mesma fonte: Deus, o Onipotente, o Totalmente Outro. Mais ainda, essa passagem enfatiza a unidade na diversidade e a responsabilidade cristã em relação à comunidade e à edificação do corpo de Cristo por meio do uso fiel dos dons espirituais.

1.2. Significado de “bons administradores” e “multiforme graça”

Ser um “bom administrador”, no contexto de 1Pd 4,10, vai além da ideia de gerenciar recursos de maneira eficiente; é uma responsabilidade espiritual que envolve a prestação de contas a Deus.

Segundo Fitzmyer⁷, em sua análise exegética, o conceito de οἰκονόμοι (*oikonomos*) carrega a implicação de serviço e fidelidade, de modo que o administrador deve agir em nome de seu senhor, não para seu próprio benefício, mas para o bem daqueles a quem foi chamado a servir. Neste texto e contexto, a palavra “multiforme” reforça a ideia de que a graça de Deus não é única, mas que se manifesta de muitas maneiras, seja através de dons espirituais, carismas ou ministérios específicos dentro da comunidade (Ef 4,11-12).

Essa compreensão destaca a interdependência dos membros da comunidade cristã, onde cada pessoa é chamada a exercer o dom que recebeu para a construção de uma unidade mais ampla e do bem comum. Aqui, subentende-se que a graça de Deus⁸ é sempre voltada para o outro, não exclusivamente para o benefício pessoal, o que coloca o administrador em uma posição de contínuo serviço e entrega ao próximo.

1.3. O papel dos administradores na missão da Igreja

Os “bons administradores” não apenas gerenciam os dons, mas desempenham um papel central na missão que Cristo confiou à Igreja. Em Mt 28,19-20, Jesus confia aos discípulos a missão de “fazer discípulos todos os povos”, uma tarefa que requer liderança e organização para ser cumprida de forma eficaz. A administração dos dons, conforme Pedro ensina, deve estar sempre orientada para a

⁷ FITZMYER, J. A., *First Peter*, p. 230-237.

⁸ TRECCANI, G., *Il vocabolario treccani*, p. 690.

evangelização e o serviço ao próximo. Para isso, o administrador precisa seguir o exemplo de Cristo, que, conforme ensinado em Jo 13,12-17, lidera pelo serviço, lavando os pés de seus discípulos.

O conceito de liderança aqui está intimamente relacionado à responsabilidade pastoral. O Papa Francisco, em sua Encíclica *Evangelii Gaudium*, destaca que os líderes eclesiais devem ser pastores com “o cheiro das ovelhas”,⁹ isto é, profundamente inseridos nas realidades que vivem as comunidades que servem. Esse tipo de liderança pastoral reflete o modelo de Cristo, que não busca ser servido, mas servir (Mc 10,45).

1.4. Liderança no Novo Testamento

No Novo Testamento, é possível encontrar diversos exemplos de liderança e serviço, especialmente nas narrativas sobre a Igreja Primitiva. No livro de Atos dos Apóstolos, os líderes das primeiras comunidades cristãs são descritos como aqueles que foram chamados para proclamar a Palavra e servir ao povo. Por exemplo, em At 6,1-6, os apóstolos nomeiam sete homens, entre eles Estevão, para exercer o ministério do serviço (diaconia) e garantir que as viúvas fossem bem cuidadas. Este relato exemplifica a importância da delegação de responsabilidades e a necessidade de reconhecer diferentes carismas dentro da comunidade.

As cartas paulinas também fornecem uma base sólida para a reflexão sobre a liderança cristã. Em 1Cor 12, Paulo discute os diversos dons concedidos pelo Espírito e como todos os membros do corpo de

⁹ EG 24.

Cristo devem cooperar para o bem comum. Cada membro desempenha um papel vital, e a liderança cristã envolve a sabedoria de e para reconhecer esses dons e utilizá-los para o fortalecimento da Igreja. Em Ef 4,11-13, Paulo reforça a diversidade de ministérios dentro da Igreja, apontando para apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres como líderes que têm a função de “preparar os santos para a obra do ministério” e edificar o corpo de Cristo.

Esses exemplos sublinham a necessidade de uma liderança que seja colaborativa e que respeite a diversidade dos dons na comunidade cristã, intuindo assim que o verdadeiro líder é aquele que capacita outros a servirem, reconhecendo que a missão de Deus é realizada por meio de um esforço comunitário e cooperativo.

2. A Missão da Igreja e a liderança de Cristo

2.1. Cristo como modelo de liderança

A liderança de Cristo é apresentada nos Evangelhos como um exemplo supremo de humildade, serviço e sacrifício. Ao contrário dos modelos de liderança secular, em que o poder e o domínio muitas vezes são destacados, Cristo lidera por meio do amor e da entrega total, exemplificando isso de maneira clara ao lavar os pés de seus discípulos em Jo 13,1-17. Esse gesto humilde e simbólico ilustra a essência de sua liderança: Ele não veio para ser servido, mas para servir (Mc 10,45).

Nesse contexto, a liderança de Cristo é uma liderança *kenótica*, ou seja, uma liderança de autoesvaziamento e doação total, como expresso no hino cristológico de Fl 2,6-7: “Ele, existindo em forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano”.

Essa humildade de Cristo se traduz em um modelo de liderança que deve inspirar os gestores eclesiais. Francisco sublinha que os líderes cristãos não podem ser meros administradores de estruturas, mas pastores que estão dispostos a sair ao encontro dos que sofrem e que lideram com um coração de servo, assim como fez Jesus.¹⁰

Outra dimensão central da liderança de Cristo é o sacrifício. O ápice do ministério de Jesus é a sua morte na cruz, onde Ele oferece sua vida pela redenção da humanidade (Jo 19,30). Este ato supremo de entrega voluntária é um modelo para todos os líderes eclesiais, que são chamados a sacrificar as próprias comodidades e interesses em favor do bem da comunidade. Assim, o sacrifício de Cristo se torna o paradigma para uma liderança que coloca o outro em primeiro lugar.

A liderança de Cristo é também uma liderança movida pela compaixão. Os Evangelhos estão repletos de exemplos em que Jesus, movido pela compaixão, age em favor dos marginalizados e excluídos, como em Mt 9,36 e Mc 6,34. Essa compaixão é a base para a liderança cristã: um líder eclesial que segue o exemplo de Cristo deve ser sensível às necessidades dos outros, oferecendo cuidado pastoral e acompanhamento espiritual, especialmente aos mais necessitados. O

¹⁰ EG 31; 105.

líder é chamado a cuidar, a ser sensível à dor e ao sofrimento dos outros, oferecendo-lhes um espaço seguro de cura.

2.2. Dimensão comunitária da liderança

A liderança de Cristo nunca foi exercida de forma isolada; Ele sempre operou em comunidade. Desde o início de seu ministério, Jesus chamou discípulos para acompanhá-lo e partilhar sua missão (Mc 1,16-20). Esta dimensão comunitária da liderança é essencial para compreender o modelo de liderança cristã, pois aponta para a interdependência entre líderes e membros da comunidade. A Igreja, como corpo de Cristo, é uma comunidade de fiéis que compartilham uma missão comum: anunciar o Reino de Deus e viver de acordo com os ensinamentos de Jesus. Cada membro da comunidade tem um papel a desempenhar, como Paulo ilustra em 1Cor 12,12-31, no qual ele compara a Igreja a um corpo, em que cada parte é indispensável para o funcionamento do todo.

Para os gestores eclesiais, a liderança comunitária implica uma postura de colaboração, em que as decisões são tomadas em conjunto com outros líderes e membros da comunidade. A sinodalidade, um conceito central na eclesiologia contemporânea, especialmente no pontificado do Papa Francisco, reflete esse aspecto da liderança comunitária. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*¹¹ destaca a importância de ouvir as vozes de todos os membros da

¹¹ ChV 206.

comunidade, especialmente os jovens, para que a Igreja possa ser renovada continuamente e caminhar em unidade. Essa visão sinodal da Igreja sublinha que a liderança cristã é, antes de tudo, um exercício de serviço e participação.

O *Diretório para a Catequese*¹² também reforça a importância da colaboração na missão da Igreja, salientando que a evangelização e a formação cristã não podem ser responsabilidades de uma única pessoa ou grupo. Toda a comunidade é chamada a participar desse processo, sob a orientação dos líderes, que devem coordenar os diferentes dons e carismas presentes no seio da Igreja. A missão da Igreja só pode ser plenamente realizada quando há unidade e cooperação entre os seus membros.

A unidade entre os líderes e membros da comunidade eclesial é fundamental para o bom funcionamento da missão. Como Jesus trabalhou e orou pela unidade em Jo 17,21: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti”, os líderes cristãos são chamados a promover concretamente a unidade dentro da Igreja e a rezar por ela. A divisão e a falta de colaboração podem enfraquecer a missão da Igreja e sua credibilidade no mundo.

2.3. Serviço entre líderes e a comunidade eclesial

Na liderança cristã, o serviço está no centro da relação entre os líderes e a comunidade. Em Mc 10,42-45, Jesus ensina seus discípulos

¹² DC 289.

que, ao contrário dos governantes das nações que exercem poder e domínio, “quem quiser ser o maior, no meio de vós, seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro, no meio de vós, seja o servo de todos”. Este é o modelo de liderança que Cristo oferece à Igreja e que continua a orientar a atuação dos gestores eclesiais.

A relação entre os líderes e os membros da comunidade deve ser de mútuo respeito e serviço, visto que a autoridade na Igreja deve ser entendida não como uma forma de dominação, mas como uma função de serviço que visa ao bem comum e ao crescimento espiritual da comunidade.¹³ Neste sentido, a liderança cristã deve ser um constante exercício de humildade e disponibilidade para ouvir, acolher e servir aos outros.

Os líderes eclesiais, portanto, são chamados a ser facilitadores da comunhão e da participação. Eles devem incentivar a colaboração entre os diferentes ministérios e carismas, promovendo uma cultura de corresponsabilidade e de construção do bem comum, a exemplo do Cristo Mestre, doando a vida em favor dos demais, na causa comum.

¹³ EG 32.

3. Características dos bons administradores na Igreja

3.1. Formação de gestores eclesiais

Os “bons administradores”, descritos em 1Pd 4,10, possuem um conjunto de características fundamentais para o exercício da liderança eclesial. Em um contexto de crescente complexidade social, cultural e religiosa, a formação de gestores eclesiais exige mais do que habilidades administrativas; ela requer uma formação integral que abarque a espiritualidade, a teologia e a prática pastoral. O *Diretório para a Catequese*¹⁴ sublinha que a formação de líderes na Igreja deve ser holística, envolvendo tanto o desenvolvimento pessoal e espiritual, quanto o conhecimento técnico e pastoral necessário para enfrentar os desafios contemporâneos.

3.1.1. Qualidades essenciais de um bom administrador

As qualidades de um bom administrador eclesial, conforme descritas por diversos autores, inclusive presentes ao longo das Sagradas Escrituras, podem ser assim indicadas:

- **Fidelidade à Palavra de Deus:** O administrador eclesial deve estar profundamente enraizado na Escritura, reconhecendo que seu serviço à comunidade deriva da graça de Deus, não de mérito pessoal. Isso implica que o administrador deve conhecer bem as

¹⁴ DC 319-342.

Escrituras, a Tradição e a Doutrina da Igreja, para que suas decisões estejam sempre orientadas pela “Verdade do Evangelho”¹⁵ (Gl 2,5.14; Tm 3,16-17; 1Cor 4,1-2).

- **Humildade e Serviço:** Um bom administrador é, antes de tudo, um bom servo. A liderança cristã deve seguir o modelo de Cristo, que lavou os pés dos discípulos (Jo 13,1-17). Nouwen destaca que a liderança na Igreja não é sobre ser visto ou exercer controle, mas sobre servir em humildade e vulnerabilidade.¹⁶ Isso é especialmente importante em um mundo que, muitas vezes, valoriza o poder e a posição acima do serviço altruísta.
- **Discernimento Espiritual:** A capacidade de discernir os sinais dos tempos e as necessidades da comunidade é uma qualidade central de um bom gestor eclesial. A formação espiritual contínua é essencial para que os administradores possam ouvir a voz de Deus e guiar suas comunidades de acordo com o Espírito Santo. Segundo o *Diretório para a Catequese*,¹⁷ a formação espiritual dos gestores eclesiais deve incluir momentos de oração e retiro, para que possam refletir sobre suas vocações e discernir a vontade de Deus.
- **Habilidades de Comunicação e Relações Humanas:** Administradores eclesiais precisam ter habilidades de

¹⁵ GONZAGA, W., “A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a Autoridade na Igreja. Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas (2015).

¹⁶ NOUWEN, H. J. M., In the Name of Jesus: Reflections on Christian Leadership, p. 14.

¹⁷ DC 151-153.

comunicação claras e capacidade de manter boas relações interpessoais. Eles são mediadores de conflitos¹⁸ e facilitadores de diálogo dentro da comunidade pois a liderança cristã é, em última análise, uma forma de facilitação, ajudando os membros da comunidade a se engajar em relações de confiança e colaboração.

3.1.2. Formação e desenvolvimento de gestores no contexto atual

No contexto da vida moderna, a formação dos gestores eclesiais deve responder às demandas crescentes da sociedade, que exige liderança adaptável, ética e carismática, capaz de enfrentar as mudanças culturais e sociais sem perder a identidade do Evangelho. Para isso, a formação de líderes na Igreja deve ser contínua, oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para navegar em contextos complexos e diversos, como o pluralismo religioso, a secularização e as mudanças tecnológicas.

Programas de formação como os promovidos pelas universidades católicas e pelos institutos de pastoral são exemplos importantes de como essas qualidades podem ser desenvolvidas. Eles oferecem aos futuros líderes e gestores eclesiais uma sólida formação teológica, bem como habilidades práticas em gestão de pessoas, administração e planejamento estratégico. Além disso, tais programas devem incluir formação em

¹⁸ GONZAGA, W., Os Conflitos na Igreja Primitiva entre judaizantes e gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos (2015).

liderança sinodal,¹⁹ que enfatiza a corresponsabilidade e a participação de todos os membros da Igreja na tomada de decisões.

3.2. Desafios para a liderança na Igreja atual

A liderança eclesial no século XXI enfrenta uma série de desafios únicos que afetam sua eficácia e credibilidade. Entre esses desafios, destacam-se o impacto da secularização, a crise de confiança nas instituições religiosas, as divisões internas na Igreja, e as mudanças culturais e sociais que exigem respostas novas e criativas.

3.2.1. Secularização e pluralismo religioso

A secularização continua a ser um dos maiores desafios para a liderança eclesial. Em muitos países, o papel tradicional da Igreja na sociedade está em declínio e os líderes da Igreja precisam lidar com uma crescente indiferença religiosa, ou seja, vivemos em uma era em que a fé se tornou uma escolha entre muitas outras opções, o que desafia os líderes a encontrar novas formas de comunicar a mensagem cristã de maneira relevante. Nesse contexto, os administradores da Igreja devem ser criativos em suas abordagens pastorais, usando as novas tecnologias e mídias para alcançar aqueles que estão distantes da fé.

A formação contínua em comunicação digital, gestão de mídias sociais e evangelização online torna-se, assim, um elemento importante

¹⁹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, n. 108.

para os líderes eclesiais no contexto moderno, ainda mais em tempos de Inteligência Artificial e de Tecnologia Quântica. Ademais, a Igreja precisa cultivar uma presença pública que seja acessível e relevante, sem comprometer seus ensinamentos fundamentais.

3.2.2. Crise de confiança e escândalos

A crise de confiança na Igreja, exacerbada por escândalos relacionados ao abuso de poder e ao abuso sexual, é outro grande desafio que afeta a liderança eclesial. O Papa Francisco, em sua *Carta ao Povo de Deus*,²⁰ reconhece a dor e a decepção causadas por essas falhas e enfatiza a necessidade de uma liderança transparente, responsável e focada no bem-estar dos mais vulneráveis. Os administradores eclesiais devem ser exemplos de integridade e a Igreja deve fortalecer seus processos de formação, assegurando que seus líderes sejam bem-preparados para enfrentar essas situações com justiça e compaixão.

O fortalecimento da formação ética e a criação de mecanismos de responsabilização dentro das estruturas da Igreja são elementos cruciais para restaurar a confiança. Iniciativas como programas de proteção de menores e a promoção de uma cultura de transparência são passos fundamentais nesse processo.

3.2.3. Unidade em um contexto de divisão

Outro desafio significativo é a crescente polarização interna na Igreja. Questões teológicas, políticas e culturais têm levado a divisões

²⁰ CpD 1-2.

dentro das comunidades eclesiais, o que torna a tarefa dos administradores ainda mais complexa. Como observa Papa Francisco, a Igreja é chamada a ser um sinal de unidade em um mundo fragmentado, mas essa unidade não deve ser imposta à custa da diversidade.²¹ Nesse sentido, os líderes eclesiais precisam ser hábeis mediadores, promovendo a unidade sem sufocar as legítimas expressões de pluralidade dentro da comunidade.

O conceito de sinodalidade,²² promovido pelo Papa Francisco, oferece uma resposta promissora para lidar com essas divisões. A liderança sinodal enfatiza a participação de todos os membros da Igreja nos processos decisórios, criando um espaço de diálogo e escuta mútua. A formação dos administradores eclesiais deve, portanto, incluir a capacitação para o exercício dessa liderança sinodal que reconhece a diversidade de dons e opiniões, mas que também trabalha para promover a unidade e a comunhão.

4. Liderança eclesial e a sociedade

4.1. Influência da liderança na sociedade

A liderança eclesial transcende os limites da Igreja e tem um impacto profundo e duradouro sobre a sociedade em geral. Desde os primórdios do cristianismo, líderes religiosos têm desempenhado um

²¹ EG 131.

²² AAS 107, p. 1145.

papel crucial na formação de valores éticos, sociais e culturais no mundo em geral, embora o impacto tenha sido maior no Ocidente. Ao longo dos séculos, bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos engajados atuaram como orientadores morais e agentes de mudança social, influenciando não apenas as comunidades cristãs, mas também as instituições e organizações em seus contextos mais amplos, emprenhando os saberes e as ciências em geral da presença dos valores da ética cristã.

Uma característica marcante da liderança cristã é sua insistência em promover a dignidade humana e o bem comum, promovendo o ser humano, as culturas e ciência em geral, especialmente a partir da Doutrina Social da Igreja e do Humanismo Solidário. A Doutrina Social da Igreja sublinha que a liderança cristã deve se comprometer com a justiça social, os direitos humanos e a paz. Conforme destacado pela Encíclica *Rerum Novarum*²³, de Leão XIII e subsequentemente reiterado em *Caritas in Veritate*²⁴, de Bento XVI, os líderes da Igreja têm a responsabilidade de atuar em favor dos mais pobres e oprimidos, defendendo o trabalho digno, a equidade e a solidariedade global.

Esse compromisso se reflete na atuação de diversos líderes eclesiais que, ao longo da história, influenciaram mudanças sociais significativas. Martin Luther King Jr.²⁵, por exemplo, combinou sua formação teológica e sua liderança cristã com uma luta ativa contra o racismo e a discriminação nos Estados Unidos, inspirando movimentos

²³ RN 8.

²⁴ CV 22-23.

²⁵ KING Jr., M. L., A autobiografia de Martin Luther King, p. 39; 80.

de justiça social ao redor do mundo. Sua visão de uma sociedade justa e pacífica estava fundamentada em princípios bíblicos de igualdade e amor ao próximo.

Do mesmo modo, São Francisco de Assis²⁶, com seu exemplo de humildade e desprendimento material, encarnou os valores evangélicos de fraternidade e cuidado com os mais necessitados, destacando-se por sua influência na promoção da paz e da justiça social. Madre Teresa de Calcutá²⁷ também dedicou sua vida ao serviço dos mais pobres entre os pobres, vendo Cristo em cada ser humano e levando conforto e dignidade aos marginalizados. Por sua vez, Irmã Dulce²⁸, conhecida como o “Anjo Bom da Bahia”, destacou-se por sua incansável assistência aos doentes e excluídos, concretizando uma fé viva através de suas obras sociais e promovendo a esperança entre os mais vulneráveis. Esses exemplos demonstram como a liderança cristã pode atuar em diferentes contextos e áreas, promovendo transformação social e espiritual.

Na América Latina, a liderança eclesial também exerceu uma grande influência sobre o desenvolvimento social e político. O papel de líderes eclesiais na luta contra regimes autoritários e na defesa dos direitos dos pobres é um exemplo claro de como a liderança cristã pode impactar a sociedade de maneira transformadora. Dom Helder Camara²⁹, no Brasil, destacou-se por sua incansável defesa dos direitos humanos e

²⁶ LELOUP, J.; BOFF, L., *Terapeutas do deserto. De Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim*, p. 74-85.

²⁷ SLAVICEK, L.C., *Mother Teresa: Caring for the world's poor*, p. 5.

²⁸ PASSARELLI, G., *Santa Dulce dos Pobres: O anjo bom do Brasil*, p. 182.

²⁹ PILETTI, N.; PRAXEDES, W., *Dom Helder Camara: o Profeta da Paz*, p. 233.

da dignidade dos pobres, chamando a atenção mundial para as injustiças sociais e políticas de seu tempo.

No contexto contemporâneo, o Papa Francisco tem enfatizado a necessidade de líderes eclesiais serem agentes de mudança social, incentivando uma “cultura do encontro” que rejeite a indiferença global, e promova a solidariedade e a inclusão. Na Encíclica *Fratelli Tutti*³⁰, ele defende que os líderes cristãos, ao promoverem o diálogo e a paz, podem ajudar a construir pontes entre nações, religiões e culturas, contribuindo para o bem-estar comum.

4.2. Opressão e progresso: O perfil dos líderes e seu impacto nas sociedades

O perfil de liderança que se adota tem um impacto direto sobre o progresso ou a decadência de uma sociedade. A liderança, especialmente no contexto da Igreja, pode ser uma força poderosa para o progresso social, quando orientada por princípios evangélicos, mas também pode contribuir para a opressão e o atraso quando distorcida. De acordo com Simon Sinek, em sua obra *Líderes se servem por último*³¹, os líderes são responsáveis por criar um ambiente em que as pessoas sintam que podem contribuir e crescer. Se os líderes falham em servir e proteger aqueles

³⁰ FT 198.

³¹ SINEK, S., *Líderes se servem por último: Como construir equipes seguras e confiantes*, p. 98.

que lideram, a organização, e a sociedade em geral, está condenada à estagnação e ao declínio.

Em muitos casos, a história mostra como a ausência de líderes éticos e justos resulta em decadência social. A liderança tirânica ou autoritária — dentro e fora da Igreja — pode causar grande sofrimento e injustiça. No contexto bíblico, a má liderança é frequentemente apontada como a raiz da queda de nações e povos. O profeta Ezequiel, por exemplo, critica os “maus pastores” que exploram o rebanho em vez de cuidar dele (Ez 34,2-4). Esse tipo de liderança focada em poder pessoal ou institucional à custa do bem-estar das pessoas gera decadência social, pois nega a dignidade dos seres humanos e perpetua a injustiça. Bonhoeffer, teólogo alemão que resistiu ao regime nazista, em sua obra *Ética*,³² discorreu sobre a responsabilidade moral dos líderes, especialmente em tempos de opressão, argumentando que a liderança que se afasta dos valores éticos e da responsabilidade pelo bem-estar de outros transforma-se em tirania.

Destarte, o fracasso dos líderes em manter uma perspectiva ética e de serviço pode enfraquecer as instituições que deveriam ser motores de justiça e desenvolvimento. Isso é particularmente evidente em regimes totalitários, onde a liderança centralizadora e opressiva resulta em marginalização, pobreza e violência.

Por outro lado, a liderança cristã baseada nos ensinamentos de Cristo tem o potencial de promover o progresso genuíno. Bento XVI, em

³² BONHOEFFER, D., *Ética*. p. 25.

Caritas in Veritate,³³ enfatiza que o desenvolvimento humano integral depende da promoção de uma ética do bem comum e da solidariedade, valores que devem estar no centro da atuação dos líderes eclesiais. Para o progresso acontecer, os líderes precisam reconhecer que sua vocação não é para a acumulação de poder, mas para o serviço à comunidade, especialmente aos mais vulneráveis.

O Papa Francisco também aborda essa questão ao enfatizar que a verdadeira liderança cristã deve lutar contra todas as formas de opressão, sendo solidária com os pobres e marginalizados³⁴. Em *Evangelii Gaudium*,³⁵ ele diz: “Quero uma Igreja pobre para os pobres”, sublinhando que o papel dos líderes eclesiais é estar ao lado daqueles que sofrem e lutar por sua dignidade. Essa postura de solidariedade é crucial para o progresso social, pois rompe com as estruturas de opressão e oferece uma visão de esperança e transformação.

Já o Arcebispo Anglicano Desmond Tutu, assim se expressou: “Se você é neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor”.³⁶ Com isso, queria dizer que os líderes devem ser agentes de mudança, defendendo os oprimidos e buscando a justiça, tal como Cristo o fez. A verdadeira liderança se fundamenta no serviço ao próximo e na promoção de uma sociedade justa. Dessa forma vemos como líderes que seguem o exemplo de Cristo, com humildade e serviço, promovem a paz,

³³ CV 32.

³⁴ GONZAGA, W., Os pobres como “Critério-Chave de autenticidade” Eclesial (*EG* 195), p. 75-95; GONZAGA, W., Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9, p. 207-228.

³⁵ EG 198.

³⁶ OTIENO, S., “Ethical Thought of Archbishop Desmond Tutu,” in *The Palgrave Handbook of African Social Ethics*, p. 598.

a justiça e o bem comum. Eles impulsionam o progresso social ao encorajar o diálogo, a inclusão e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Ao contrário, líderes que se afastam desses princípios, seja no campo eclesial ou secular, correm o risco de perpetuar sistemas de exploração e violência que destroem a coesão social e impedem o desenvolvimento.

5. Aplicação Pastoral

5.1. Vocações, carismas e serviços na comunidade eclesial

A Igreja Católica é enriquecida por uma diversidade de vocações, carismas e serviços, todos dados pelo Espírito Santo para a edificação do Corpo de Cristo e para a administração da “multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10). Esta diversidade de dons não é acidental, mas intencional, e reflete a própria natureza da Igreja como comunhão de pessoas com diferentes chamados, todos unidos em uma mesma missão: evangelizar e servir ao mundo. Conforme ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, “é o próprio Deus que concede a cada membro da Igreja um carisma para o bem comum”.³⁷

³⁷ CEC 799.

5.1.1. A diversidade de vocações

As vocações na Igreja incluem o sacerdócio ministerial, a vida religiosa, o matrimônio e o laicato, homens e mulheres, jovens e adultos, cada um com seu papel único na missão eclesial. Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*,³⁸ a Igreja é “um povo de sacerdotes”, em que cada membro do corpo de Cristo, por meio do batismo, participa da missão sacerdotal de Jesus. O clero, como aqueles ordenados para o serviço sacramental e pastoral, tem a responsabilidade de guiar a comunidade e administrar os sacramentos. No entanto, o laicato é chamado a ser a presença viva de Cristo no mundo secular, testemunhando o Evangelho em suas famílias, profissões e sociedade.

Além das vocações primárias, existem carismas específicos, que são dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo a indivíduos para a edificação da comunidade eclesial (1Cor 12,4-7). Paulo, em 1Cor 12, explica que esses dons são múltiplos e variados, mas todos servem ao mesmo propósito: a construção da unidade na diversidade. O *Directorio para a Catequese*³⁹ destaca que os líderes eclesiais devem reconhecer e encorajar esses carismas, ajudando os fiéis a descobrir como podem servir de acordo com os dons que receberam.

Entre os diversos carismas, podemos citar o dom de ensinar, o dom de cura, o dom da profecia, o dom do serviço, entre outros. Cada um desses carismas é necessário para o bem-estar e o crescimento da Igreja, pois refletem a presença viva do Espírito Santo agindo através dos

³⁸ LG 10.

³⁹ DC 321.

membros do corpo de Cristo, ou seja, a Igreja é chamada a cultivar uma diversidade criativa e dinâmica, na qual todos os membros, com seus dons e vocações, participam da missão comum de proclamar o Reino de Deus.

5.1.2. Contribuição dos carismas para a administração da “multiforme graça de Deus”

Os carismas são essenciais para a administração da “multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10) na Igreja, pois é por meio deles que os diferentes aspectos do amor de Deus se tornam manifestos no mundo. Cada carisma reflete uma faceta da graça divina, e a cooperação harmoniosa entre os diferentes dons permite que a Igreja atue plenamente em sua missão evangelizadora.

Ao identificar e desenvolver esses dons, a comunidade eclesial se torna um lugar de crescimento espiritual e de serviço efetivo ao mundo. A formação e o discernimento dos carismas são responsabilidades dos líderes pastorais, que devem orientar os fiéis a entenderem como seus dons podem contribuir para o bem comum e para o avanço da missão da Igreja.

5.2. Unidade e cooperação na missão

A diversidade de vocações e carismas dentro da Igreja, em alguns momentos, pode gerar desafios à unidade. No entanto, a Igreja é chamada

a ser uma comunhão de pessoas que, apesar de suas diferenças, trabalham juntas em um esforço comum. A unidade, portanto, não deve ser entendida como uniformidade, mas como uma harmonia que se baseia na cooperação mútua, onde cada membro do corpo de Cristo contribui de acordo com sua função e chamado.

5.2.1. O Princípio da sinodalidade

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco tem promovido a sinodalidade como um modelo eclesial que reflete essa unidade na diversidade. A sinodalidade, conforme explicada no Documento preparatório⁴⁰ e no Documento final⁴¹ para o Sínodo sobre a Sinodalidade, é um processo pelo qual toda a Igreja caminha junta, discernindo a vontade de Deus em um espírito de escuta e diálogo mútuo. No contexto pastoral, isso significa que os líderes eclesiais devem estar abertos a ouvir a voz de todos os membros da comunidade, promovendo a participação sempre renovada e ativa de todos na vida da Igreja. Em sua carta *Evangelii Gaudium*, Francisco diz: “O trabalho pastoral em chave missionária exige abandonar o cômodo critério pastoral do ‘sempre se fez assim’”⁴².

A sinodalidade também promove a corresponsabilidade no trabalho administrativo da Igreja, especialmente no que diz respeito à gestão dos recursos humanos e espirituais. Ao promover uma liderança

⁴⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, Documento Preparatório Para o Sínodo sobre a Sinodalidade, n. 1.

⁴¹ SECONDA SESSIONE DELLA XVI ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI, Documento finale, n. 12.

⁴² EG 33.

colaborativa e participativa, os gestores eclesiais garantem que todos os membros da comunidade tenham um papel ativo no discernimento e na execução da missão pastoral. Yves Congar⁴³ observa que a Igreja só pode cumprir sua missão se for verdadeiramente uma comunidade de corresponsáveis, onde todos os membros, clero e leigos, contribuem de acordo com seus dons.

5.2.2. Manutenção da Unidade na Diversidade

A manutenção da unidade exige mais do que simples cooperação; ela requer um compromisso profundo com o amor e o respeito mútuo. Paulo, em sua carta aos Efésios, ensina que os membros da Igreja devem “guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4,3), e que essa unidade só pode ser alcançada quando há humildade, mansidão e paciência entre os cristãos. Isso significa que, em momentos de conflito ou divergência, o diálogo e a escuta ativa são essenciais. Bonhoeffer⁴⁴, em seu escrito sobre vida comunitária, reflete sobre a necessidade de humildade, paciência e diálogo para preservar a unidade, em especial nos momentos de conflito. Ele frisa principalmente que a unidade da comunidade cristã não é uma obra humana, mas um dom de Deus que exige nossa cooperação por meio da humildade, do respeito e do diálogo, pois somente assim podemos preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

⁴³ CONGAR, Y., True and false reform in the church, p. 109.

⁴⁴ BONHOEFFER, D., Vida em comunhão, p. 20.

Além disso, os líderes eclesiais têm a responsabilidade de promover essa unidade através de uma liderança que seja inclusiva e acolhedora. Eles devem ser facilitadores de diálogo e reconciliação, especialmente em tempos de polarização ou divisão dentro da Igreja. A unidade da Igreja é um testemunho poderoso para o mundo. É através dessa unidade, em meio à diversidade, que a Igreja pode verdadeiramente administrar a “multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10) em sua plenitude, como expressa Papa Francisco, uma das vozes mais proeminentes em defesa de uma liderança eclesial inclusiva e acolhedora, especialmente em tempos de polarização. Ele enfatiza a importância de promover o diálogo e a reconciliação: “A Igreja é chamada a ser a casa aberta do Pai. Nenhuma porta fechada! Todos podem participar de alguma maneira da vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e a Igreja deve ser facilitadora de diálogo, de encontro e de reconciliação, nunca um espaço de exclusão”.⁴⁵

Conclusão

Ao longo deste estudo, explorou-se o conceito de liderança eclesial sob uma ótica amplamente abrangente, fazendo referência primordial ao livro de 1Pd 4,10, que traz à tona a importância dos cristãos como “bons administradores da multifacetada graça de Deus”. Durante essa abordagem, realizou-se uma cuidadosa análise sobre como essa liderança

⁴⁵ EG 47.

se encontra profundamente enraizada nos exemplos supremos de humildade, serviço e sacrifício trazidos por Jesus Cristo.

Dessa forma, é perceptível como essa liderança se manifesta e se faz presente de maneira extremamente relevante na variedade de vocações e carismas que se inserem dentro da comunidade eclesial. Por meio de análise exegética e teológica, teve-se, aqui, a possibilidade de identificar e compreender que os líderes da Igreja, independente de suas posições específicas, recebem um chamado divino para guiar e conduzir o povo de Deus, reconhecendo e valorizando os diferentes dons e talentos que se revelam no corpo de Cristo e, de forma imprescindível, fomentando uma profunda unidade em meio a toda essa diversidade.

É justamente nesse contexto que a liderança eclesial atual assume uma importância ainda maior, uma vez que está inserida em um mundo marcado por secularização, incertezas e crises de confiança nas mais variadas instituições, além das divisões internas e sociais enfrentadas atualmente. O desafio, portanto, que se impõe à liderança eclesial nos tempos contemporâneos é o de promover de forma contundente a justiça, a dignidade humana e a paz, uma vez que tais valores são cruciais para o progresso tanto no âmbito da Igreja quanto no seio da sociedade em geral.

Fica claro, desta forma, que a liderança cristã deve sempre buscar direcionar-se pela missão pastoral e servir ao próximo, seguindo incondicionalmente os ensinamentos e exemplos deixados por Cristo, que, em um gesto de extremo amor e humildade, lavou os pés de seus discípulos e ofereceu a própria vida para a salvação de seu rebanho. Vale

destacar que líderes que se inspiram nesse modelo *kenótico* têm o poder de impactar de forma significativa tanto o avanço social quanto o progresso espiritual.

Propostas para futuras pesquisas e aplicações pastorais se fazem extremamente necessárias, incluindo uma aprofundada exploração sobre a prática da sinodalidade como forma comum de governança eclesial; bem como o contínuo desenvolvimento de líderes e gestores eclesiais capazes de enfrentar de forma ética, inclusiva e baseada nas palavras do Evangelho, os desafios contemporâneos. Além disso, é de suma importância aproveitar o potencial de a Igreja poder responder de forma pastoral às questões globais tão urgentes, como as crises ecológicas, econômicas e migratórias, uma vez que são áreas em que a liderança cristã pode exercer um papel verdadeiramente transformador, haja vista sua forte e marcante presença nos campos da educação, saúde, cultura etc.

Em resumo, a liderança eclesial deve se manter sempre como uma liderança de serviço, guiada pela rica, multifacetada e abundante graça de Deus, alinhando-se harmoniosamente à missão primordial da Igreja de anunciar a boa-nova do Evangelho a todas as nações (Mt 28,18-20; Mc 16,15-16.20), formando, assim, uma comunidade de fé fortemente caracterizada pela unidade, cooperação e um profundo senso de pertencimento.

Referências bibliográficas

ACHTEMEIER, P. **1 Peter**. A commentary on First Peter. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. **Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Chicago and London: University of Chicago Press, 2021.

BENTO XVI PP. **Caritas in Veritate**: Sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade. Brasília: CNBB, 2009.

BONHOEFFER, D. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BONHOEFFER, D. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.
CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: CNBB, 5. ed. 2022.
Chicago: University of Chicago Press.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: CNBB, 2021.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: **CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II**: Documentos. Brasília: CNBB, 2018, p. 75-173.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: 2022.

CONGAR, Y. **True and False Reform in the Church**. Collegeville: Liturgical Press, 2011.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Brasília: CNBB, 2020.

FITZMYER, J. A. **First Peter: A New Translation with Introduction and Commentary**. New Haven: Yale University Press, 2008.

FRANCISCO PP. **Carta do Papa Francisco ao povo de Deus**. Brasília: CNBB, 2018.

FRANCISCO, PP. **Christus Vivit: Exortação Apostólica Pós-Sinodal**. Brasília: CNBB, 2019.

FRANCISCO, PP. Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos. In: **AAS 107**, 2015, p.1145-1149.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Brasília: CNBB, 2018.

FRANCISCO, PP. **Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social**. Brasília: CNBB, 2024.

GONZAGA, W. **“A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a Autoridade na Igreja**. Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas. 2ª ed. Santo André: Academia Cristã, 2015.

GONZAGA, W. As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento. Belo Horizonte: *Perspectiva Teológica*, v. 49, n. 2, p. 421-444, mai./ago.2017.

Doi:

<https://doi.org/10.20911/21768757v49n2p421/2017>

GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico: Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos**. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W. **Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos**. Santo André: Academia Cristã, 2015

GONZAGA, W. Os pobres como “Critério-Chave de autenticidade” Eclesial (*EG 195*). In: PORTELLA AMADO, J.; AGOSTINI

FERNANDES, L., **Evangelii Gaudium em Questão**. PUC-Rio/Paulinas, Rio de Janeiro/São Paulo, 2014, p. 75-95.

GONZAGA, W. Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9. In: COSTA, C. L. F.; COSTA, L. A. F. P.;

SILVA, V. (orgs.). **Justiça e Santidade entre o Ideal Humano e o Divino**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018, p. 207-228.

JOBES, K. **1 Peter**. Grand Rapids: Baker Academy, 2005.

KING Jr., M. L. **A autobiografia de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

LEÃO XIII. **Rerum Novarum**: Sobre a condição dos operários. São Paulo: Paulinas, 2010.

LELOUP, J.; BOFF, L. **Terapeutas do deserto**. De Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOUWEN, H. J. M. **In the Name of Jesus**: Reflections on Christian Leadership. New York: Crossroad Publishing, 1989.

OTIENO, S. “**Ethical Thought of Archbishop Desmond Tutu**” in The Palgrave Handbook of African Social Ethics. New York: Palgrave Macmillan, 2020.

PASSARELLI, G. **Santa Dulce dos Pobres**: O anjo bom do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2019.

PILETTI, N.; PRAXEDES, W. **Dom Helder Camara**: o Profeta da Paz. São Paulo: Contexto, 1997.

SECONDA SESSIONE DELLA XVI ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI. **Documento finale** – “Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione, missione” e Risultati delle Votazioni. 26 out. de 2024. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2024/10/26/0832/01659.html>. Acesso em: 4 out. 2024.

SINEK, S. **Líderes se servem por último**: Como construir equipes seguras e confiantes. São Paulo: HSM, 2015.

SLAVICEK, L. **Mother Teresa: Caring for the world's poor**. New York: Chelsea House Books, 2007.

TRECCANI, G. **Il vocabolario Treccani**: Il Conciso. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1998.